

## O ritual sete de setembro

**Artigo de Isabelle Vidal Giannini, originalmente publicado na revista Poematropic, Belém, UFPA, nº 2, jul-dez/1998.**

Sete de setembro de 1996, um ritual especial na aldeia dos índios Xikrin do Cateté. Logo ao amanhecer, todos, índios e seus convidados, dirigiram-se ao centro da aldeia cuja disposição das casas forma um círculo. Dois mastros, duas bandeiras, uma do Brasil outra da Funai. Jovens rapazes posicionados em fileiras entoaram o hino nacional, enquanto dois professores indígenas hasteavam as bandeiras. Ao término, o índio pastor leu um parágrafo da bíblia escrita na língua Kayapó. Aplausos. Homens, mulheres e crianças das aldeias Dudjê-kô e Putkarot estavam participando.

O líder Karangré gesticulava, trocava idéias com os mais velhos, explicava a coreografia. Movimentação, um rápido olhar ao meu redor. No ngobe, espaço físico situado no centro da aldeia e local de reunião do Conselho dos homens para o desempenho das funções sociais e políticas, estava o velho chefe cerimonial Bemoti, simbolizando em seu traje de terno e gravata verde, o poder de Brasília. Atrás dele, contrastando, o velho Kenpoti ostentava uma coifa tradicional de penas brancas de gavião. Os homens das categorias de idade mebegnêt (homens maduros ou velhos) e mekramti (homens com mais de quatro filhos) dividiam-se entre aqueles que personificavam, através de coletes, a Polícia Federal, o Ibama e a Funai, personagens da fronteira próxima ao mundo vivido pelos índios Xikrin. Os rapazes, companheiros da categoria de idade menoronu (jovens iniciados e que dormem na casa dos homens), formaram duas filas paralelas, uma das filas vestia o uniforme azul do time de futebol da aldeia Djudje-Kô e a outra o uniforme vermelho do time de futebol da aldeia Putkarot.

Começa a dança. Os rapazes vêm caminhando em direção à Casa dos Homens e realizando uma coreografia baseada em exercício de treinamento de futebol. Há uns três meses passara por ali o antropólogo Fernando Vianna, ex-jogador profissional de futebol que tinha, a pedido dos Xikrin, treinado, ensinado e desenvolvido com eles exercícios de educação física. Aqueles exercícios ganharam um movimento especial transformando-se numa dança ritual.

Ao chegarem em frente à Casa dos Homens, os dois primeiros da fila, para se tornarem homens verdadeiramente fortes, têm suas coxas escarificadas com dente de aruanã pelos mais velhos, passam para o final da fila, refazem a mesma dança e retornam para que outros dois sejam escarificados, e assim vão até que todos o tenham sido. Entre os Xikrin, os rapazes são submetidos a uma grande variedade de provas iniciatórias: a briga contra um ninho de marimbondos, que simboliza uma aldeia inimiga, corridas e escarificações nas pernas para aumentar a agilidade, duelos com espadas pesadas ou jogos competitivos.

Descanso, mudança de ato, troca de vestimenta. Os Xikrin ostentam cocares de penas de arara, japu, gavião real, colares de itã, braçadeiras, bandoleiras de algodão. Várias meninas estão sendo ornamentadas, penugens de papagaio no corpo e de urubu-rei na cabeça; trazem a face pintada de urucum e a pintura feita de carvão e resina de árvore lhes é aplicada na parte superior da cabeça. O cabelo

ao modelo Xikrin está raspado e a pintura que lhe é aplicada afasta as almas dos mortos. Passamos para o ato do ritual de nomeação feminina Bekwoi.

Receber um nome faz parte de um longo processo de socialização do indivíduo. No decorrer de sua vida, uma pessoa acumula inúmeros nomes, transmitidos pela categoria de nominadores e que inclui várias posições genealógicas. Os nomes além de relacionarem os homens entre si através dos ancestrais, relacionam-nos com os diferentes domínios cósmico, sejam eles dos animais, dos vegetais, dos espíritos ou de outras etnias.

Fim do ritual, os pais das nominadas oferecem a todos os participantes beiju de peixe, caça assada no forno de pedra, banana, batata doce, café, fanta e coca-cola.

Mas o ritual não é somente feito do momento "da festa" mas também da aquisição da matéria prima necessária para que o indivíduo, através de sua roupagem, se transforme, se impregne da essência do outro e some em seu próprio corpo o eu e o outro.

Para este ritual, os Xikrin levaram pelo menos três anos perseguindo os seus objetivos. Conseguiram as bandeiras, negociaram pacientemente os coletes com agentes do Ibama e da Polícia Federal (em Marabá), me convenceram a escolher e comprar um terno e uma gravata (em Brasília), e o Fernando para a confecção de uniformes para dois times de futebol. As camisetas com o bordado da Associação Bep-Nói foram feitas em Parauapebas com verba própria. Conseguiram as calças pretas e as camisas branquinhas com o pastor evangélico em São Félix do Xingu. Tudo foi pensado, as negociações eram feitas de forma a que eles adquirissem as coisas das pessoas chaves, não serve qualquer colete mas sim os autênticos, dados pelos agentes do Ibama e da PF, não serve qualquer terno mas sim um comprado em Brasília, na época em que eles foram solicitar apoio do presidente da Funai e do Ibama, dos ministros da Justiça e Meio Ambiente, e assim por diante. As coisas devem "possuir" a identidade das pessoas, elas dão conta da diversidade e do espaço geográfico que elas ocupam. Ao falar de cada uma delas, existe um longo discurso a respeito das negociações e de suas conquistas.

O Ritual é um campo privilegiado para a análise de questões como processo de conhecimento, tradição, inovação, interpretação, compreensão e a expressão do modo Xikrin de vivenciar, pensar sua participação em um mundo ampliado e em constante e rápida transformação. O ritual é a expressão sintética de conceitos e verdades fundamentais para os Xikrin e a visão que eles têm de si mesmo, de sua sociedade e do seu universo. Os aspectos essenciais são transmitidos de modo claro, explícito, ordenado, mostrando que os Xikrin estão conscientemente em comando de seu mundo.